



# RESENHA CRÍTICA

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998, trad. Alfredo Veiga-Neto.

## O recurso à fábula

**Maria Isabel Edelweiss Bujes**

*Frente à verborria sistemática dos que sabem, a fábula é a ocupação poética do indizível, sua expressão e, ao mesmo tempo, o respeito para o indizível, sua conservação como misterioso inexprimível.* (Larrosa, 1998, p. 92).

A pedagogia técnico-científica dominante, com sua impessoalidade e arrogância, os tópicos morais que configuram a boa consciência e as regras do discurso pedagógico instituído, esses são os alvos de Jorge Larrosa em sua *Pedagogia profana*:

*O discurso pedagógico dominante, dividido entre a arrogância dos cientistas e a boa consciência dos moralistas, está nos parecendo impronunciável. As palavras comuns começam a nos parecer sem nenhum sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. E cada vez mais temos a sensação de que temos que aprender de novo a pensar e escrever, ainda que para isso tenhamos que nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem).* (Larrosa, 1998, p.7).

Larrosa, professor da Universidade de Barcelona, que já conhecíamos de outros textos publicados no país<sup>1</sup>, nos diz agora: “talvez seja a hora de tentar trabalhar no campo pedagógico pensando e escrevendo de uma forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria” (p. 7). E talvez resida aí a maior riqueza dessa obra do autor e também a maior dificuldade para nossos olhos, corações e mentes *conformados* em/com outra escrita que tenta explicar tudo, tudo controlar, como se o acaso, o impróprio e o inseguro fossem terrenos em que não nos pudéssemos aventurar.

Mas o autor não apenas escreve de uma forma pouco usual: ele também submete os objetos sobre os quais se debruça a um novo olhar, a partir do qual constitui a sua escrita, que não admite ser mais do que uma expressão aberta, mista, fragmentária, em que pulsa, no entanto, uma “vontade de coerência” (p.8).

O autor proclama não aspirar nem a objetividade, nem a universalidade, nem a sistematicidade. Ao não ter nenhuma pretensão de verdade ele retira à obra seu caráter prescritivo que é o apanágio da *boa pedagogia*. Isso, no entanto, não o leva a abdicar da vontade de “iluminar e modificar as práticas” (p.8). Sua aspiração é a de que seus escritos apontem uma outra forma de pensar e de escrever em Pedagogia, marcada pela subversão, pela manutenção da inquietude, pela proliferação das perguntas.

*Pedagogia profana* constitui-se numa coletânea de textos que se articulam em três eixos ou em *três núcleos de interrogação* em torno dos quais Larrosa tem construído sua obra nesses últimos tempos. Estes dizem respeito mais especificamente às questões da formação, da leitura e das condições de possibilidade de uma educação que “não seja incompatível com a abertura de um porvir novo e imprevisível, de um outro porvir que não seja resultado daquilo que já sabemos, daquilo que queremos, daquilo que podemos ou daquilo que esperamos” (p.17).

A opção por esses eixos, no entanto, não significa que o autor se proponha a mais do que lançar dúvidas e perguntas e a manifestar suas inquietudes acerca de tais temas:

*(...) o maior perigo para a Pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranqüilidade dos que já sabem o que dizer aí ou o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes* (p.8).

Poderíamos dizer que os escritos de Larrosa se inscrevem na perspectiva que Rorty denominou de edificante. Ao não se comprometer com respostas acabadas, ao não preestabelecer caminhos, ao despreocupar-se em relação a normas e padrões a serem atingidos, o autor nos aponta a possibilidade de negação de esquemas convencionais de interpretação. Abre o espaço para que nos sintamos interpelados, para que nos coloquemos à escuta, para que afinemos o olhar e ponhamos a funcionar a nossa sensibilidade.

Creio estar aí o caráter transgressivo, inovador, irreverente da obra de Jorge Larrosa. A literatura pedagógica, com seu caráter sacralizado, sua plenitude de certezas, sua vontade de controle e domesticação, é posta em questão, favorecendo-se a possibilidade da aventura, da pluralidade de sentidos, do indizível e do impensável.

O título da obra já nos sugere, de saída, o caminho do inusitado. Produz-nos o primeiro impacto, possibilita intuir que estamos frente a algo que vale a pena ler. Aponta para sentidos que não se pretendem apropriados, muito menos corre-

tos e, acima de tudo, contém a promessa de “dessacralização” da Pedagogia, enfim, “profana” este campo, indicando, por si só, o caráter herético da obra.

A distribuição em três eixos acresce algo de novo ao que tem constituído a marca temática do autor: o binômio leitura e formação. A ele se acrescenta o tema da possibilidade de uma educação que escape do sonho totalitário, conservador ou revolucionário, de uma educação que se abra para o novo e para o imprevisível.

A primeira seção é composta por três textos: “Os paradoxos da autoconsciência”, “Do espírito de criança à criança de espírito” e “Três imagens do Paraíso”. A marca desta seção é a idéia de formação e o seu título repete a frase cunhada por Nietzsche: “Como se chega a ser o que se é”.

A experiência de formação é aqui concebida como uma aventura no espaço, no tempo e na biblioteca, e a idéia de formação está associada intimamente à experiência de leitura. Uma formação que resulta de uma relação com um determinado tipo de palavra, relação esta que configura e constitui o sujeito. Mas o recurso aos textos na formação não se faz no sentido em que são tomados usualmente, em que esses têm sua interpretação controlada, devendo veicular uma mensagem unívoca que, no limite, acaba transformada numa regra para a ação. Ao invés desse aprisionamento do significado, no qual a interpretação é superior ao próprio texto, em que o indizível é minuciosamente expurgado, Larrosa propõe a aproximação com a novela literária pois ela constitui uma revolta permanente contra o sentido.

Tomando como referência a questão de Nietzsche: “como se chega a ser o que se é?”, diz o autor que só a novela pode expressar poeticamente o mistério da formação “porque a novela é a forma literária que, de um modo privilegiado, tem o tempo como sua matéria essencial, torna o tempo sensível, poetiza o tempo. Só a novela, portanto, é capaz de mostrar, em sua peculiar articulação do temporal, a gênese e o desenvolvimento de um caráter”(p.92).

A idéia de formação que percorre os três textos é a de que não existe um itinerário a ser seguido, nenhum caminho seguro. Esta é uma trajetória singular em que não podem ser evitadas nem as incertezas, nem os desvios sinuosos. Também não há um eu a ser descoberto mas a ser inventado, criado, conquistado.

A segunda seção tem por título “A experiência da leitura”, estando nela incluídos: “Leitura e metamorfose”, “A novela pedagógica e a pedagogização da novela” e “Sobre a lição”. O tema, tão característico da produção de Larrosa e presente em muitas das obras já referidas nesta resenha (vide nota 1), retorna, através da tematização do controle pedagógico da leitura e da relação desta com a experiência de formação e transformação do sujeito.

O autor traz à discussão a tradição pedagógica humanista, com sua preocupação formativa e humanizante. Mostra como nela há uma relação entre a cultura literária e a perfeição moral do indivíduo e da sociedade. Aponta para o risco de uma experiência selvagem da leitura. Para conjurar os seus perigos, “a temível materialidade dos discursos”, no dizer de Foucault, lembra o rigoroso controle a

que são submetidos os textos, as operações para a sua seleção e a tutela pedagógica que é exercida para garantir a leitura apropriada.

Larrosa coloca-se em outro registro. Foge à tradição humanista. Pensa a leitura como experiência de formação e transformação, sem uma idéia “pré-escrita” de como deve desenvolver-se ou da fixação de um modelo normativo para a sua realização. A prática de leitura é entendida por ele como “acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido” (p.14).

*Desse ponto de vista, a educação literária já não é nem conservação do passado, como queriam os tradicionalistas, nem fabricação do futuro, como queriam os progressistas, nem mesmo formação do humano no Homem, como queriam os humanistas de todos os matizes. A educação literária não se baseia em nenhuma nostalgia (...). Sua única virtude é a sua infinita capacidade para interrupção, para o desvio, para a “desrealização” do real e do dado, para a abertura ao desconhecido. (...) um movimento excêntrico, no qual o sujeito leitor abre-se à sua própria metamorfose” ( pp.14-15).*

Na terceira e última seção que se intitula “Figuras do porvir”, e em que constam: “Agamenon e seu porqueiro”, “Elogio do riso”, “O enigma da infância” e “Imagens do estudar”, os textos são articulados em torno da idéia de uma educação que não seja incompatível com um novo porvir. Ali o autor questiona a possibilidade de que possa emergir uma outra forma de pensamento na educação, que escape ao sonho totalitário e fuja a toda pré-definição e a toda arrogância. É, sem sombra de dúvidas, a minha preferida. Talvez seja aquela em que melhor se expressa o recurso ao riso, à ironia, à subversão dos sentidos que dominam a educação.

Um tema que informa os textos dessa seção é o da intencionalidade do educador e das condições de possibilidade de uma educação que não seja normatizada por essa intencionalidade. Nestes trabalhos o autor discute como a realidade é produzida, utilizada e dissolvida nos aparatos pedagógicos e nos meios de comunicação; reflete sobre o caráter moral e moralizante do discurso pedagógico e promove a idéia de que uma consciência irônica é a saída para a descoberta de que nada somos. Chama também a atenção para alteridade da infância, levando-nos à possibilidade de conceber de outro modo a educação, a partir de um encontro com a infância. Critica a tentação da pedagogia de considerar-se como dona do futuro e como construtora do mundo, e por ter sucumbido com avidez à vontade de poder e saber. Propõe a idéia da infância como um enigma e de que um encontro com ela supõe a disposição de que nos deixemos transformar numa direção desconhecida. Larrosa finaliza sua antologia defendendo a garantia da liberdade de ler ao estudante: “somente num livro queimado o estudante pode estudar”(p.257).

Conduzidos pelas palavras do autor somos instados a uma fascinante empreitada intelectual. Seu texto não é exatamente um texto fácil. Ele lança mão de

autores que vão de Platão, Goethe, Nietzsche, Hegel e Rousseau a Gadamer, Heidegger, Deleuze, Foucault e Rorty, passando por Cortázar, Borges, Machado, Handke, Lezama e tantos outros. A sua flagrante erudição, no entanto, não cai no pedantismo que o recurso a tais autores poderia indicar. Ele aborda temas nem sempre novos para nós, de uma maneira absolutamente inovadora, que alcança, sem sombra de dúvida, seu propósito de inventar novos modos de pensar e escrever sobre a educação. Não apenas transgride muitas das mais caras tradições no campo pedagógico como ironiza, de um modo especial, a empáfia e o convencionalismo dos educadores (mas principalmente a importância que dão a si mesmos). Sua escrita nos incita à invenção e à experiência de enveredar pela senda da incerteza e, nesse caminho, advoga que lancemos mão do riso com toda sua ambigüidade e perigo:

*o riso transporta a suspeita de que toda linguagem direta é falsa, de que toda vestimenta, inclusive toda pele, é máscara (p.223).*

### Notas

1. Entre os textos do autor traduzidos para o português e editados no Brasil encontram-se:  
LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação In: SILVA, Tomaz T. da (org.) *O sujeito da educação* - estudos foucaultianos. Petrópolis, Vozes, 1994.  
\_\_\_\_\_. A estruturação pedagógica do discurso moral. *Educação & Realidade*, 21(2): 121-159, jul./dez., 1996.  
\_\_\_\_\_. Literatura, experiência e formação. Entrevista a Alfredo Veiga-Neto. In: COSTA, M. V. (org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p.133-161.  
\_\_\_\_\_. Saber e Educação. *Educação & Realidade*, 22(1): 33-55, jan./jul., 1997.  
\_\_\_\_\_. A construção pedagógica do sujeito moral. In: SILVA, Tomaz T. da (org.) *Liberdades reguladas*. Petrópolis, Vozes, 1998.

Maria Isabel Edelweiss Bujes é doutoranda em educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:  
Rua Ramiro Barcelos, 1176/802  
90035-000 - Porto Alegre - RS  
Fone: (051)3117866

E-mail: mibujes@zaz.com.br